

Em torno da Circulação Peninsular da Matéria Arturiana: O “Libro de Don Galás” e o *Lanzarote del Lago**

Isabel Sofia Calvário Correia
Bolseira FCT/UP
Escola Superior de Educação de Coimbra

O *Lancelot en Prose*, extenso romance que desenvolve a biografia de Lancelot, terá sido primeiramente escrito e pensado para ser um texto autónomo, o Lancelot não cíclico¹, que narrava as aventuras do herói desde o nascimento até à morte de Galehout. Essa obra monumental centra-se no cavaleiro que devota à rainha o seu amor e proezas cavaleirescas e apresenta a personagem Galehout, um suserano que desafia a autoridade do rei e disputa a fidelidade e cavalaria de Lancelot. Quando se introduz a temática do Graal, com o propósito da construção de um ciclo em torno do *Lancelot*, a reorientação de sentidos parece evidente. Anuncia-se a necessária remodelação do ideal cavaleiresco, que não se deveria centrar no amor a Genevra, mas será personificado por Galaaz, o filho de Lancelot e de Amida, cavaleiro sem mácula, único a concretizar no futuro a demanda do Graal. A par das aventuras protagonizadas por diversos cavaleiros da corte arturiana, o percurso biográfico de Lancelot é traçado, não apenas como cavaleiro individual, mas como membro de uma linhagem escolhida por Deus. O pecado do cavaleiro com a rainha impede-o de cumprir um destino de glória que o jovem cavaleiro Galaaz levará a cabo.

É esta matéria que encontramos no *Lanzarote del Lago*². Todavia, o texto castelhano é fundamentalmente distinto daquele que encontramos no *Lancelot* publicado por Micha³. As diferenças que encontramos não consistem apenas em abreviações de episódios, corte de matéria narrativa ou amplificação retórica. É certo que a versão castelhana está incompleta pois o testemunho do séc. XVI que chegou até aos nossos dias compreende o “segundo y tercero libro de Don Lançarote de Lago”, como se lê no cólofon, faltando o “primeiro livro”

*

¹ Sobre o Lancelot não cíclico veja-se KENNEDY, Elspeth, *Lancelot and the Grail: A Study of the Prose 'Lancelot'*, Oxford, Clarendon Press, 1986.

² Ao longo deste trabalho usaremos a recente edição do ms. 9611, *Lanzarote del Lago*, CONTRERAS, A& SHARRER, H (ed). Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 2006, identificada neste artigo pela sigla LL. Sempre que nos pareça que as opções editoriais podem suscitar dúvidas, utilizaremos a nossa transcrição do facsimile do ms. 9611 BN Madrid.

³ *Lancelot*, ed. MICHA, A. Genève, Droz, 1978-82. 9 tomos. Micha chama à colação diversos manuscritos do Lancelot, mas filia a sua edição naqueles que representam as versões longas de forma mais consistente. A este respeito veja-se MICHA, *La Tradition Manuscrite du Lancelot en Prose*, Romania, LXXXVII, 1966, (pp. 194-233) e a introdução do tomo VII da sua edição.

que narraria a infância de Lanzarote até à segunda viagem para Sorelois, momento em que o “segundo libro” começa. Quanto a este testemunho perdido restam-nos meras conjecturas: é provável que ele tenha existido talvez em castelhano, ou pelo menos, que tenha circulado na Península um romance completo do “Lanzarote de Lago”.

As diferenças a que nos referimos entre o *Lanzarote* e a versão de LP editada por Micha não serão acrescentos ou refundições de um redactor ibérico, ou pelo menos não o são a sua maioria. O manuscrito 751 BNF, de finais do século XIII, conserva uma versão francesa do *Lancelot* bastante próxima daquela de que nos ocupamos: a sequência dos episódios é idêntica, o tratamento das personagens é o mesmo, destacando-se o retrato de Artur como um rei culpado e a elevação do seu rival Galeote, e em ambas versões é dado considerável destaque a temáticas que no texto editado por Micha estão menos desenvolvidas, como o amor vassálico e a homenagem. Por sua vez, o texto do ms. 751BNF dialoga de perto com uma das “versões curtas”- segundo a designação de Micha- do *Lancelot*, contida no ms. 865Gr, também de finais do século XIII. Estando o nosso confronto entre estas duas versões ainda no início, o que as nossas leituras nos revelaram até agora é que estes testemunhos estão muito próximos, parecendo o 865Gr mais lacunar, porque mais económico na escrita, e em alguns passos com leituras erróneas, se confrontado com o congénere francês e o testemunho castelhano⁴.

Em suma, o *Lanzarote* revela afinidades com uma “família” de manuscritos distinta daquela que a edição de Micha nos apresenta. De facto, o texto castelhano segue fielmente a versão do ms. 751, apenas se aproxima do texto editado por Micha quando este está em consonância com aquele preservado no ms. 751, mas fornece informações complementares ou de pormenor. O *Lanzarote* nunca discorda com o ms. 751 em questões de fundo, como a composição de episódios e personagens, o que acontece em relação ao texto da edição Micha. Assim, não se trata apenas de mera variação linguística ou de modificações textuais esparsas, mas de um ramo diferente da matéria do “Lancelot”. A versão de onde terá vindo o texto de 1414, data mencionada no colofon para a conclusão do “segundo e tercero libros”, estaria muito próxima dessa “branche” de que o ms. 751 é testemunho.

Mas não basta concluirmos que o *Lanzarote* castelhano revela um texto distinto do designado “Lancelot en Prose” editado por Micha. As particularidades que encerra não

⁴. O que nos parece digno de nota é a existência de correspondências sintácticas e lexicais entre o 865Gr e o *Lanzarote*. Veja-se um exemplo desta correspondência linguística quando a prima do duque de Clarence lhe diz que seria prova de pouca consideração não desaconselhar o cavaleiro da demanda de Carados: “petit vous ameroie, se je vous laissoie aller **a mon ensient** ensi a votre mort (LM. tomo III. p.124. Sublinhados nossos) e “poco vos amaria si **a mio cient** vos dexase ir a la muerte” (ms. 9611, fl.57vII). Modificámos o texto que consta na edição no que diz respeito à fronteira de palavra. Na edição lê-se “poco vos amaria si a mi ocient vos dexase ir a la muerte”, p. 72, sublinhados nossos).

encontram todas paralelo nos testemunhos franceses a que aludimos. Há outras especificidades desta versão que se relacionam com outros textos arturianos que circularam em âmbito peninsular. Porque, como veremos, esta história não é só a de Lanzarote.

A narrativa que encontramos nestes 352 fólhos começa pouco antes do episódio conhecido como “Sonhos de Galeote”, onde se contam as proféticas visões desta personagem relacionadas com o caso amoroso de Genevra e Lanzarote e o advento do cavaleiro perfeito, Galaaz, terminando, no que diz respeito à “estória de Lançarote”, no jogo de xadrez que só o filho de Ban de Benoic vence. De seguida, Artur requer a Lanzarote, Galvan, Boors e Gariete que contem as diversas aventuras que tinham protagonizado para que estas sejam “postas por escrito”. É neste momento que o romance se afasta do testemunho francês, remetendo para outro livro onde se conta matéria complementar às aventuras de Lanzarote.

Observemos os textos. Quando Lancelot narra as suas aventuras, o texto do ms. 751 e o da edição Micha, dizem-nos:

*Tout ainsi com Lancelot ot contees ses aventures, eles furent misses en escrit si que des faits Lancelot et des aventures trova l'an l grant livre en l'aumaire le roi Artu, apres ce que li rois fu navrez en la bataille Mordres, **si com li contes le divessera sa devant** (ms. 751, fl.310v l, sublinhado nosso)⁵*

O texto editado por Micha é mais descritivo do que o do testemunho anterior, explicitando o valor dos actos cavaleirescos de Lancelot que justificavam um livro à parte:

*Einsic com Lanceloz ot dites ses aventures furent eles mises en escrit, et pour ce que li fet estoient greingnor que nus de çaux de laienz, les fist li rois mestre par lui seul si que dès fez et des ovres trova l'an l grant livre en l'aumaire le roi Artu après ce qu'il fu navrez a mort en la bataille Mordret, **si com li contes vos devisera apertement.** (LM, p.397, t.IV, sublinhado nosso)*

No mesmo ponto, lemos no *Lanzarote*⁶ :

⁵. Nas passagens que transcrevemos do ms. 751BNF separámos palavras segundo a norma actual, desdobrámos as abreviaturas e normalizámos o uso dos nomes próprios. Introduzimos pontuação.

⁶. O texto castelhano parece mais próximo daquele que encontramos na edição Micha do que do texto contido no ms. 751, pois menciona o valor do cavaleiro que merece livro à parte, tal como acontece em Micha. O ms. 751 é mais contido neste ponto, e o *Lanzarote* mais descritivo. Ao longo do confronto que temos vindo a efectuar, pese embora a distância do romance castelhano em relação a Micha em momentos fulcrais da narrativa como os que mencionámos neste artigo, há situações em que estas versões se aproximam. Por isso estamos em crer que a versão contida no ms. 9611 pertencerá a uma família de manuscritos afim ao 751, não supomos que derive deste texto, mas sim de um outro muito semelhante no que respeita à *conjointure* da matéria do Lancelot. De notar ainda que o texto castelhano se refere a Mordered como “sobriño” de Artur o que poderá apontar para o uso de uma “fórmula” conservada na tradição para designar esta personagem. Além disso, no LP, apenas se diz explicitamente que Mordered é filho incestuoso de Artur na parte final do romance pelo que a referência a esta personagem como sobrinho de Artur não nos parece estranha. A este respeito veja-se MIRANDA, José Carlos, *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito, 1998. E LARANJINHA, Ana Sofia, *Artur, Tristão e o Graal. A escrita Romanesca no Universo do Pseudo-Boron*, Porto, Tese de Doutoramento, 2005 (dissertação policopiada)

*E porque ele era mas maravilloso cavallero que otros, ansi mandó el rey que ansi se escribiesen a parte todos sus fechos atal que fuese la istoria del en su cavo. Y savede que la fallaron en el armario de Artur en Salabres, en la batalla Mordred, su sobrino, hermano de don Galban, en la cual vatalla fue herido el rey Artur de que murio y fue en esto otrosi Mordret e todos los cavalleros de una parte y de la otra, **y alli falescio la Tabla Redonda, segund lo fallaredes todo por menudo en el Libro de don Galas**⁷ (Ms. 9611 BNM, fl.346v, sublinhado nosso)*

Como é fácil constatar, as passagens estão bastante próximas: as três versões referem que as aventuras de Lancelot ocupam um volume que se encontrará num armário de Artur e remetem para o mesmo acontecimento diegeticamente futuro, a morte do rei e de Mordred na batalha de Salesbieres. Notemos, porém, que os textos do ms. 751 e da edição Micha são mais elípticos, não ficando claro que nessa batalha tanto o rei como o filho da rainha de Orcanie são feridos de morte, algo que encontramos explícito no texto ibérico. Todavia a diferença que nos parece mais significativa é a que encontramos no momento em que se remete para outro texto. As versões francesas dizem apenas que “o conto” relatará esses acontecimentos, mas o *Lanzarote* remete para uma obra concreta onde essas aventuras já se encontram narradas, o “Libro de Galás”.

As indicações redacionais do Lancelot francês ao usarem o futuro do indicativo “devisera” no texto fornecido por Micha e a utilização no ms. 751 do advérbio “devant” parecem remeter para uma matéria que já se sabia existir, mas que ainda não teria forma concreta, ou pelo menos não se situaria em nenhuma outra obra já escrita, pois o redactor apenas diz que o conto narrará essas aventuras mais detalhadamente. Com esta expressão vaga, não nos parece possível perceber se no momento da redacção do *Lancelot* se saberia já que conto era esse. Pelo contrário, a remissão do *Lanzarote* sugere explicitamente que essas aventuras já se encontravam escritas no “Libro de Don Galás”, onde poderiam ser vistas por quem se interessasse em conhecer mais pormenores dessa batalha ou em saber como caiu a Mesa Redonda.

Artur pede igualmente aos restantes cavaleiros que contem as aventuras por que tinham passado ao partirem da corte. Quando Galvão, Boors e Gariete terminam a sua narração, o rei pergunta-lhes se algum deles havia vencido Lancelot em combate. Depois dos cavaleiros responderem negativamente, Artur elogia o filho de Ban de Benoic, afirmando

⁷ Neste ponto a leitura do testemunho é difícil quer pelo facto de a letra da cópia que possuímos do manuscrito ser de árdua decifração, quer por nos parecer que o redactor tenha cometido alguns erros, nomeadamente quando escreve o vocábulo “arvavoro” que se tratará de um lapso, a nosso ver. Além disso, a edição do *Lanzarote* também não fornece uma opção que nos pareça suficientemente clara. Assim, e porque é uma passagem fulcral neste trabalho, optamos por fornecer a nossa leitura do facsimile do ms. 9611. As partes que não se encontram em itálico constituem opções nossas face às tomadas na edição. Para uma outra leitura deste excerto, veja-se *Lanzarote*, p. 381.

que sem ele a Mesa Redonda não teria o mesmo valor. O redactor refere que todos os cavaleiros ficaram “sañudos” com as palavras de Artur e que desde aí desamaram Lancelot, mas só mostraram esse sentimento graças à delação de Agravain que revelou o caso amoroso do cavaleiro com a rainha. A intervenção do redactor termina com mais uma remissão que encontramos nas versões francesas e também na castelhana:

Ms. 751:

*De Ceste parole que li rois Artus dit, furent cil de la Table Reonde si correcies qu'il un hairent puis toz dis Lancelot de mortel haine ne onques n'en osans sanblant moustrer, devant a celui jour queli mesfait de Lancelot et de la roine fu provez par Agravain qui espies les avoit a l matin. **Mais de ce laisse or li contes a parler car bien i sarai retourner quant lius en iest** (ms. 751, f.310vII, sublinhados nossos).*

Texto semelhante encontramos na edição de Micha :

*De cele parole que li rois Artus dist furent si atorné cil de la Table Reonde que il en hairent puiz touz dis lancelot de mortel haine, ne onque samblant n'en vodrent faire devant que li mesfez de lui et de la roine fu provez, quant il furent trové nu a nu par Agravain qui espiez les avoit. **Mais de ce laisse ore li contes a parler, car bien i faudra retourner, quant il sera tans et ore** (LM, p.399, t. IV, sublinhados nossos)*

E no *Lanzarote*:

*E desto que el rey dixo fueron todos los de la Tabla redonda muy sañudos e desamaron siempre por ende a don Lançarote, pero nuca se lo osaron mostrar fasta aquel dia que lo fallaron con la reina Ginebra por la esculca de Agravain. **Mas desto no fablara aquí agora el cuento, antes lo fallaredes en el Libro de don Galás como don Lançarote libró a la reina e la llebó consigo** (LL, p.381)*

Mais uma vez estamos perante um processo de escrita idêntico: os textos remetem para acontecimentos futuros e, como acontece no exemplo que citámos anteriormente, as indicações redaccionais das versões francesas são mais contidas e vagas em comparação com a castelhana. Diz-se apenas que se voltará a esse assunto quando for o momento, não sendo, pelo menos numa primeira leitura, claro se será este conto que narrará o “mesfez” do par amoroso ou se tal matéria se encontrará num outro lugar. Pelo contrário, o *Lanzarote* identifica o livro onde se encontra esse episódio e outro que lhe é afim, o salvamento da rainha por Lancelot. A expressão “li contes” traduz-se numa referência consistente, o “Libro de don Galás”.

Ainda que algumas destas referências nos possam parecer suspeitas porque são demasiado vagas, como as que citámos do *Lancelot*, cremos que fariam bastante sentido para o público destes romances.

José Carlos Miranda, quando estudou a Demanda do Santo Graal e a sua relação com o Ciclo da Vulgata⁸ defendeu a existência de um primeiro ciclo de romances em prosa, redigido por volta de 1220, constituído pela *Estoire del Saint Graal*, o *Merlin*, o *Lancelot en Prose* e por uma *Queste + Mort Artu*. Por volta de 1230, terão sido redigidas duas versões desta Queste: a que hoje é conhecida por Queste-Vulgata, editada por Pauphilet como *Queste del Saint Graal*, e a Queste do Pseudo-Boron, de que a Demanda do Santo Graal portuguesa é testemunho. De acordo com Miranda, esta Queste do Pseudo Boron, que além de narrar as aventuras dos cavaleiros em demanda do graal continha o relato da queda do mundo arturiano, integrava-se numa configuração cíclica de que igualmente faziam parte o “Lancelot”, o “Tristan en Prose”, a “Estoire del Saint Graal”, o “Roman de Merlin + Suite” e um conjunto de episódios designados por “Folie Lancelot” que fariam a ligação da matéria do *Lancelot* com a do *Tristan*, como recentemente demonstrou Ana Sofia Laranjinha⁹. Esta extensa configuração cíclica não se constitui como uma abreviação do Ciclo da Vulgata, como defende Bogdanow, mas terá “talvez o mais amplo [ciclo] que o século XIII viu nascer em terras de França¹⁰”.

O ciclo do Pseudo-Boron terá transitado para a Península Ibérica na segunda metade do século XIII, provavelmente quando Afonso III regressou a Portugal na altura da crise de 1245¹¹. A composição do ciclo peninsular é idêntica à do ciclo do Pseudo-Boron francês que acabámos de descrever, como o atestam vários testemunhos peninsulares deste ciclo do qual o *Lanzarote del Lago* faz parte, como esperamos demonstrar ao longo desta comunicação.

Num universo romanesco tão vasto, torna-se necessário criar estratégias para que o público se consiga situar na estória que se conta, fornecendo-lhe mecanismos que o conduzam aos diversos ramos do ciclo romanesco. As indicações redaccionais, que para

⁸. MIRANDA, José Carlos Ribeiro, *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito, 1998.

⁹. Para mais detalhe veja-se MIRANDA, José Carlos, *A Demanda e o Ciclo...* pp.59-60; 244-47. Ana Sofia Laranjinha resume as teses de Bogdanow e de José Carlos Miranda e fornece um precioso contributo sobre a matéria tristaniana na *Demanda do Santo Graal* e sobre o significado da *Folie Lancelot* no ciclo do Pseudo-Boron, LARANJINHA, Ana Sofia. *Artur, Tristão e o Graal. A escrita Romanesca no Universo do Pseudo-Boron*, Porto, Tese de Doutoramento, 2005 (dissertação policopiada)

¹⁰. MIRANDA, José Carlos, *Conto de Perom, o Melhor Cavaleiro do Mundo. Texto e Comentário de uma narrativa do Livro de José de Arimateia, versão Portuguesa da Estoire del Saint Graal*, Estarreja, Casa do Livro, 1994, p.12

¹¹. Subsistem em galego-português dois romances completos deste ciclo, o *Livro de José de Arimateia* que chegou até nós numa cópia quinhentista e a *Demanda do Santo Graal* de que possuímos um testemunho do século XV, a que mais adiante aludiremos. Além disso, registre-se a descoberta de um bifólio em pergaminho do *Livro de José de Arimateia* provavelmente datável entre o final do século XIII e princípio do século XIV, e os conhecidos fragmentos galego-portugueses da *Suite du Merlin* e do *Tristan en Prose*.

Miranda¹² não eram acidentais, operavam como barómetro para o público que, perante tão vasta matéria narrativa, tinha necessidade de se orientar “perante os vários ramos que confluíam na acção num determinado momento”¹³.

Quando falamos de uma construção cíclica em que há preocupação em conferir solidez e coerência a uma extensa matéria, as indicações redaccionais são fulcrais para se compreender as relações entre as várias partes “do conto”. Muitas vezes, chamava-se a atenção para acontecimentos passados ou futuros relatados num livro distinto, mas que era necessário ter presente para compreender o lugar e a relação das diversas aventuras num universo diegético extenso. Dito de outra forma, as indicações redaccionais ajudam-nos a entrever a próxima, ainda que por vezes complexa, relação que os vários textos mantinham.

A primeira remissão que citámos neste trabalho conduz-nos à morte de Artur em Salesbieres e a segunda à descoberta do adultério da rainha e seu resgate por Lancelot. Ambas as referências se situam no universo diegético da “Mort Artu”, o ramo do ciclo onde se narra a queda da Mesa Redonda e a destruição da corte arturiana. Poderemos então concluir que estas passagens do *Lancelot* e do *Lanzarote* remetem para uma versão do texto hoje designado como “Mort Artu”? Cremos que tal inferência é demasiado vaga tendo em conta o que estas versões nos dizem.

O carácter indefinido da expressão “li contes” pode colocar algumas interrogações no que respeita à redacção da matéria final do ciclo, já apontadas por José Carlos Miranda que considera não haver “nenhuma expressão suplementar que lhe venha [a li contes] conferir alguma individualidade e autonomia”¹⁴. Desta forma, não é incontestável afirmar que esses episódios finais tivessem circulado num livro autónomo: “Estaria [a parte final do ciclo] planeada para constituir um livro autónomo, tal como veio a suceder com a MORT ARTU, ou não passaria de um epílogo (...) como veio a suceder com a DEMANDA DO SANTO GRAAL?”¹⁵ O uso do futuro nas duas passagens do *Lancelot* parece corroborar a hipótese de que os acontecimentos em torno da queda do mundo arturiano se passariam mais adiante, num outro momento mas não necessariamente num outro livro que apenas relatasse esses episódios. Estas vagas remissões do Lancelot sugerem que “a Mort Artu original não constituiria obra autónoma, mas sim uma continuação da ‘Queste del saint Graal’ que levaria o ciclo à sua conclusão”¹⁶.

¹² IDEM, *A Demanda e o Ciclo...* pp.80-1

¹³ IDEM, *A Demanda e o Ciclo...* p.80

¹⁴ MIRANDA, José Carlos, *A Demanda e o Ciclo...* p. 238

¹⁵ IDEM, *Idem*, p. 238

¹⁶ MIRANDA, José Carlos, *A demanda e o Ciclo...* p.240.

A remissão precisa contida no *Lanzarote* tende a confirmar o que temos vindo a sugerir, se considerarmos que a indicação “Libro de Don Galás” se refere a um romance que terá circulado na Península e que continha os feitos de Galaaz e a queda do reino arturiano. Ora, como sabemos, circulou em âmbito peninsular um livro que narrava precisamente esses episódios, do qual chegou até aos nossos dias um testemunho quatrocentista. Referimo-nos à *Demanda do Santo Graal*. A julgar pela referência encontrada na biblioteca de D. Duarte a um “Livro de Galaaz”, seria por esta designação que ele era conhecido pelo público coevo¹⁷. Se bem que possa parecer demasiado arriscado partirmos do princípio de que este “Livro” seria aquele para o qual o texto castelhano remete, uma vez que as designações das obras medievais são bastante flutuantes¹⁸, é um facto que no testemunho português os acontecimentos respeitantes à Morte de Artur funcionam como um epílogo às aventuras de Galaaz. Desta forma, parece possível sugerir que os episódios a que o texto castelhano alude não se encontram desenvolvidos num texto uno da “Mort Artu”, mas sim numa obra que circulara na Península conhecida como Livro de Galaaz.

Convém observar mais de perto nos textos para vermos se é possível afirmar que as remissões do *Lanzarote* apontam declaradamente para um texto hoje conservado no testemunho português. Atentemos na última remissão do *Lanzarote* para podermos entender com mais clareza essa relação.

Ao contrário do que acontece com as indicações anteriores, esta remissão não se encontra no *Lancelot*, não por se tratar de lapso ou acrescento de qualquer redactor, mas porque se situa num ponto do romance em que se introduz matéria tristaniana: “mas agora dexa el cuento de hablar d'esto por contar de la donzella que imbió don Tristan de Leonis a la corte del rey Artur”. (p.383)

Estamos nos 6 fólhos finais do *Lanzarote* em que se narram aventuras deste cavaleiro em demanda de Tristan. A donzela que chegara à corte de Artur desejava o conselho do rei e dos cavaleiros sobre o que deveria Tristan fazer em relação aos amores com Iseu. Artur

¹⁷. In GUTIERREZ GARCÍA, Santiago-LORENZO Gradin. P. *A Literatura Artúrica en Galicia e Portugal na Idade Media*, Santiago de Compostela, USC, 2001, p.129. Veja-se também DEYERMOND, A, *Obras Artúricas Perdidas en la Castilla Medieval*. “Anclajes: revista del Instituto Semiótico del Discurso”, 1997. pp.95-114 citado por CONTERAS Martin, *En torno a los fólhos finales del Lanzarote del Lago (ms. 9611 BNM, in WHETNALL & DEYERMOND (eds). “Proceedings of the Thirteenth Colloquium”, Londres, Queen Mary University, 2006, pp. 111-18. A citação encontra-se na página 114.*

¹⁸. Todavia, num universo narrativo tão vasto como o do romance arturiano, raramente se podem tirar conclusões simples. De facto, o outro testemunho ibérico que narra os feitos de Galaaz e a Morte de Artur, o impresso de inícios do século XVI conhecido por *La Demanda del Sancto Grial* também remete para um “Libro de Galás” em episódios que não se encontram no testemunho português, mas sim na *Queste del Saint Graal* francesa. Desta forma, teremos que considerar que a designação “Livro de Galaaz” é importante, mas não decisiva visto que se pode relacionar com mais do que uma obra. Há que observar com acuidade, e através de uma perspectiva comparatista e interpretativa, o conteúdo dos textos para que possamos perceber de que obra se trata quando se remete para o “Libro de Galás”.

aconselha-o a não amar a esposa de rei Marc, pois tal só o avilta como cavaleiro. Respostas semelhantes têm todos os companheiros da Mesa Redonda, à excepção de Lanzarote que louva Tristão como o melhor dos cavaleiros e amadores, dizendo que jamais será “ledo fasta que sea com el y me resciba por su compañero, que com outro no podría fablar mis cuitas sino com el”(p.384). Lanzarote parte ao encontro de Tristan e são-nos narradas três aventuras do início desta demanda: “Como Lançarote pasó la Puente de Fierro” (p. 384), “Como Don Lançarote se asentó en el Lecho de Merlin”e “Como don Lanzarote se fue a la mar y falló un barco com doze donzellas y entro en él” (p.385). O livro termina com Lanzarote na “Insola Fonda” junto ao túmulo de Pelinor, sem que saibamos o desenlace da sua demanda. O redactor diz-nos que “aqui se acaba el segundo y tercero libro de don Lançarote de Lago y á se de començar el Libro de don Tristán” (p.386).

Fanni Bogdanow¹⁹ analisou estes episódios finais, concluindo a estreita relação que mantêm com a *Suite du Merlin*, sendo que o episódio da Ponte de Ferro e do Leito de Merlin são o desfecho de aventuras anunciadas na *Suite*. Merlin coloca “letras” no túmulo do Cavaleiro das Duas Espadas e seu irmão, engendrando

un lit si estrange que nus n'i puet dormir (...) et dura chis enchantements dusques tant que Lancelos, li fius le roi Ban de Benoïc, i vint. Et lors fu li enchantements de ce lit deffais, ne mie par Lancelot, mais para un anelet que il portoit (SM²⁰, t.I, pp.193-94)

No testemunho ibérico, o cavaleiro senta-se no estranho leito e “traía un anillo, que desfacia todos los encantamientos” (LL. p.385) cumprindo as profecias de Merlin. Na *Suite*, além destes encantamentos, o mago coloca um novo punho na espada de Balain, o falecido Cavaleiro das Duas Espadas, e profetiza que virá um cavaleiro,

Lanscelot et emportera de chi ceste espee et en ochirra le chevalier del siecle qu'il avra plus aimé. Après escrit lettres el poing qui disoient: De ceste espee morra Gauvains (SM,p.195)

Encontramos o desenlace deste anúncio no *Lanzarote* quando o cavaleiro de Genevra toma a espada em suas mãos pois “por eso hera allí puesta y él cato las letras de la mançana que dezían: *Com esta espada morirá don Galbán*” (p.385). Mais uma vez é evidente a estreita relação deste texto com a *Suite*. O *Lanzarote* concretiza aventuras anunciadas naquele ramo do ciclo, o que os coloca num mesmo universo romanesco.

¹⁹. BOGDANOW, Fanni, *The Madrid Tercero libro de don Lançarote (ms. 9611) and its Relationship to the Post-Vulgate Roman du Graal in the Light of a Hitherto Unkwon French Source of One of the Incidents of the Tercero Libro*, “Bulletin of Hispanic Studies”, LXXVI, 1999, pp. 441-52.

²⁰. *La Suite du Roman de Merlin*, ROUSSINEAU, G, (ed). Geneve, Droz, 1996, 2 tomos. Esta obra será identificada ao longo deste trabalho pela sigla SM.

Todavia, a versão ibérica não se limita a concretizar as aventuras preditas pelo feiticeiro. Neste ponto, o redactor remete para o livro onde se pode encontrar a narrativa da morte de Galvão:

*Y ansí fue que de una ferida que le dio don Lançarote, cuando entro en él campo sobre la reina Ginebra, murió, segund se cuenta el en **libro de don Galás** (f.351v, sublinhado nosso)²¹*

Tanto no testemunho português como na *Mort Artu*, depois de Lancelot ter raptado a rainha, Gauvain aconselha o tio a enfrentá-lo porque isso tinha sido desprestigiante para ele. Além disso, Lancelot tinha matado Gariet e havia que vingá-lo. Assim, Gauvain e Lancelot enfrentam-se em combate no qual o sobrinho de Artur é gravemente ferido.

Segundo a *Mort Artu*²² o duelo foi violento e « Messires Gauvains estoit tex atornez des plaies qu'il avoit qu'il n'atendoit mes fors la mort » (MA, p.201). Lancelot abandona o campo de batalha porque como diz a Artur "Sire, ge prioie monseignor Gauvain qu'il lessast ceste bataille; car certes se nos en fensons plus, il ne puet estre que li uns de nos deus n'y reçoive damage" (p.202). Artur diz-lhe que pode deixar a batalha, pois vê que o sobrinho está na mó de baixo, e Lancelot abandona o campo. Gauvain recupera totalmente das feridas excepto de uma que ainda não tinha sarado completamente e intervém do lado de Artur num pleito contra os romanos. É essa batalha que acaba por provocar a sua morte:

li Romain assailent monseignor Gauvain de toutes pars; si le fierent des espees et des glaives en tous sens et li font el cors granz plais et merveilleuses; mes nule riens ne li faisoit tant de mal com ce qu'il le feroient sus le helme, car par ce li fu la plaie del chief renovelee, dont il le covint a morir (MA, p.208)

O próprio Gauvain²³ confirma a Artur que foram as investidas dos romanos que pioraram as feridas que o conduzirão à morte:

*Comment, biaux niés, estes vos dont venus a mort par Lancelot?_ Sire, oil, par la plaie qu'il me fist el chief, **et si en fusse ge touz gueriz, mes li Romains la me renouvelerent en la bataille*** (MA,p.221, sublinhado nosso)

O texto é longo, palavroso e pouco assertivo. Mas o facto de se repetir que Gauvain morreu porque a lide na batalha contra os romanos piorou a ferida e a impediu de

²¹. A pontuação que os editores usaram neste ponto parece-nos equívoca. Optámos por colocar a forma verbal "murió" entre vírgulas pois nos pareceu que assim ficava mais claro quem é o sujeito desse verbo. Desta forma, não utilizámos a edição do *Lanzarote* neste ponto, mas o facsimile do 9611.

²². *La Mort le Roi Artu*, FRAPPIER, J. (ed), Genève, Droz, 1964, designada por MA ao longo deste trabalho.

²³. A versão francesa da *Mort Artu* narra pormenorizadamente a convalescença de Gauvain, acrescentando que durante esse período o sobrinho de Artur se arrepende de ter desafiado Lancelot, o melhor dos cavaleiros. "se ge veísse celui que ge sei au meilleur chevalier del monde e au plus cortois et ge li peüsse crier merci de ce que ge li ai esté si vilains » (MA, p.212)

“guarecer”, iliba, de certa forma, Lancelot. Podemos especular, seguindo o texto, que se não tivesse combatido contra os romanos, esta ferida não o tinha matado! Parece-nos bastante distante do *Lanzarote* que refere claramente que Galban morreu de uma ferida provocada por Lanzarote.

Já o texto conservado em DP não é prolixo,²⁴ e ainda que também aí Galvão participe na refrega contra os romanos, o redactor diz-nos claramente que já antes fora chagado de morte:

E sabede que, em aquela batalha [combate entre Galvão e Lançarote] prës Galvam ùũ tal golpe de que pois nom pode guarir ante o chagou aquela chaga a morte (DP, p.482)²⁵

O texto da *Mort Artu* parece ter como propósito explicitar que Gauvain morreu na batalha contra os romanos e não por qualquer ferida causada por Lancelot. Nunca se afirma que foi por isso que Gauvain pereceu, mas diminui-se a responsabilidade do cavaleiro, imputando-se a causa da morte a terceiros. Ora, o texto português tem exactamente o objectivo contrário, refere de forma clara e directa que Lancelot é culpado²⁶. Desta forma, cremos que a última indicação redactorial do *Lanzarote*, dizendo directamente que foi daquele golpe que Galban morreu, só poderá remeter para um texto semelhante àquele que o testemunho português conservou. Os acontecimentos relativos à Morte de Artur encontram-se, então, no “Livro de Galaaz”, último da diegese e do ciclo.

Por tudo o que temos vindo a dizer até aqui, cremos ser possível identificar o “Libro de don Galaz” com um texto que terá circulado na península ibérica, chegando até nós em testemunho do século XV²⁷.

²⁴. Sobre a problemática do texto referente a estes episódios finais na “Demanda do Santo Graal” e na “Mort Artu” veja-se MIRANDA, José Carlos, *A demanda e o Ciclo...*

²⁵. *A Demanda do Santo Graal*, NUNES, Irene (ed), Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995, ao longo deste artigo designada pela sigla DP. A edição que usamos do testemunho castelhano é a de BONILLA Y SAN MARTIN, *La Demanda del Sancto Grial com los Maravillosos Fejos de Lanzarote e de Galaz, su Hijo*, Madrid, Nueva Biblioteca de Autores Españoles, 1907. Designamo-la pela sigla DE.

²⁶. No texto português, o filho de Ban de Benoit não abandona o campo de batalha nem revela qualquer pejo em ferir mortalmente Galvão, pois “matara-o entam Lançalot se nom fosse por amor del-rei e todos ricos homens do reino de Logres” (DP, pp.481-82).

²⁷. Não concordamos assim com Conteras Martin quando este afirma que “cuando se habla del Libro de Galaz, lo que se hace es aludir de forma indistinta a alguna de las versiones castellanas pertenentes al ciclo de la Post Vulgata”. Creemos que o redactor não alude de forma indiferenciada a qualquer versão castelhana pois por um lado, não repete acontecimentos narrados no “Baladro del Sábio Merlin” (versão castelhana que contém a história da *Suite* do Pseudo-Boron), mas sim concretiza episódios anunciados nesse romance, o que sugere não uma interpolação textual descuidada, repetitiva ou com carácter antológico, mas sim uma estreita relação coerente com essa obra do Pseudo-Boron. Por outro lado, parece-nos demasiado elaborado considerar que as remissões apontam para a versão castelhana da Demanda do Graal. É certo que este impresso castelhano do século XVI contém estas passagens, mas não com a acuidade e pormenor com que as encontramos em DP. Quando remete para a batalha final entre Artur e Mordered, o redactor do *Lanzarote* refere inequivocamente que nessa batalha “ fue herido el rey Artur de que murio”(f.346), facto que encontramos explicitamente em DP,

Por estes exemplos, cremos ser evidente que as remissões do Lanzarote não se relacionam com nenhuma versão castelhana conhecida, mas sim com o texto preservado em português. Além disso, convém ainda acrescentar que encontramos uma preciosa indicação redaccional em DP que corrobora a relação entre o texto português e a matéria do Lancelot. Quando Galaaz chega à fonte que ferve, o redactor refere-se a acontecimentos posteriores, mas não os conta ou resume, antes diz:

*Ali achou ele a fonte que ferve u Lançalot matou os II leões que o moimento gradavam de-rei Lançalot, padre de rei Bam, assi como a **grande estória de Lançalot** o devisa.* (DP, p.428, sublinhado nosso)²⁸

Pelo que vimos, cremos que as relações entre o testemunho castelhano e o português são demasiado flagrantes para que não consideremos possível identificar o “Libro de Don Galás” com um texto semelhante ao que encontramos em DP.

Esta importante indicação da *Demanda* sugere que o público coevo conhecia a matéria do Lancelot, para onde, hábil e explicitamente o redactor conduz os ouvintes. Se a isto juntarmos a identificação do “Libro de Don Galás” com uma versão próxima do que encontramos no livro português, podemos sugerir a hipótese de que terá circulado em âmbito peninsular uma “estória de Lanzarote de Lago” que mantinha estreitas afinidades com o universo romanesco do Pseudo-Boron e que estaria muito próxima da cópia quinhentista que chegou até aos nossos dias.

É possível que uma versão do *Lanzarote del Lago* tenha feito parte do conjunto de textos que chegou ao Ocidente Peninsular pelas mãos de Afonso III. O ciclo do Pseudo-Boron circulou em Portugal e na Galiza, o que é atestado pelos vários testemunhos que hoje possuímos. Para a difusão da “estória” de Lançarote em ambiente galego e noutros reinos peninsulares, muito terá contribuído abundante circulação de textos e de personagens ao longo do Caminho de Santiago, pois foi através dele “que se introduciron as novas correntes culturais de toda Europa ò longo do Norte da Península”²⁹

mas não em DE. Diz-nos o texto português: “Daquel golpe foi el-rei a terra e otrossi Mordaret (...) Em tal guisa como vos eu conto matou rei Artur Mordaret e Mordaret chagou ele aa Morte (DP, p.485)O texto que encontramos em DE, além de várias remissões para acontecimentos narrados no Baladro, não diz explicitamente, como a remissão do Lanzarote, que “fue herido el rey Artur de que murio y fue en esto otrosi Mordret”, antes atribui a morte do filho da rainha de Orcania a um cavalaieiro: “Y en esto miro el rey Artur como Blioberis avia muerto a Morderec, y que traya su cabeça arrastrando em pos de si” (DE, p.326).

²⁸ Neste ponto da narrativa DE mantém apenas “como la gran historia lo devisa” (p.295) e não a clara alusão à matéria do Lancelot.

²⁹ GUTIERRES Garcia, Santiago - Gradin Lorenzo, Pilar, *A Literatura Artúrica...* p, 29.